

## DINAMICIDADE E CIRCULAÇÃO DO GÊNERO CARTA DE LEITOR

Patrícia Souza DINIZ  
Universidade Federal de Minas Gerais  
E-mail: patriciasdiniz@yahoo.com.br

**Resumo:** A partir da compreensão do caráter heterogêneo dos gêneros e de sua relação direta com as inesgotáveis possibilidades de atividade humana (BAKHTIN, 1975-1997), observa-se que o gênero carta de leitor apresenta, atualmente, uma diversidade de usos e condições de produção tão complexa quanto as situações comunicativas nas quais ele se insere. Partindo da concepção de gênero textual como uma atividade comunicativa, inserida em um contexto sócio-histórico (BAKHTIN, 1975-1997; BAZERMAN, 2011; MARCUSCHI, 2008), este trabalho tem por objetivo fazer um estudo da caracterização e do uso do gênero de texto carta de leitor na mídia escrita, traçando-se um paralelo desse gênero com o comentário de internauta e suas condições de produção e de circulação. Para a realização deste trabalho, analisamos a seção “do leitor” da revista *Cult*, publicação mensal ambientada no domínio discursivo do jornalismo cultural, a qual, após um processo de edição de alguns comentários de internautas feitos no espaço eletrônico, publica esses comentários em sua versão impressa no referido espaço dedicado aos leitores. Buscamos, assim, verificar o processo de textualização e de produção de sentido da carta e do comentário do leitor, tanto no suporte eletrônico quanto no suporte impresso.

**Palavras-chave:** Gênero textual; Carta de leitor; Comentário online; Circulação; Suporte

### 1. Introdução

A noção de gênero adotada neste trabalho parte do pressuposto de que a linguagem se realiza na interação verbal entre os interlocutores, e de que as formas e os tipos de interação resultam nos gêneros. Em outros termos, o gênero é concebido aqui como a concretização linguístico-textual do processo de interação verbal, tendo em vista que “a enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN, 2006, p. 114).

No capítulo “Os gêneros do discurso”, de *A estética da criação verbal*, Bakhtin (2011) se aprofunda no problema e na definição dessa noção, evidenciando o caráter heterogêneo dos gêneros discursivos, e relacionando-os diretamente às inesgotáveis possibilidades de atividade humana. Para o teórico russo, importa mais o modo de constituição dos gêneros do que as suas características formais, levando-se em conta que as atividades humanas são multiformes e se transformam através da história, da cultura e das especificidades de cada tempo, situação e lugar, desencadeando, assim, tipos relativamente estáveis de enunciados. Essa estabilidade só pode se dar, portanto, relativamente, já que os gêneros se relacionam aos modos de atividades sociais e essas atividades estão em constante transformação.

Nesse contexto de relativização da estabilidade dos gêneros, refletimos aqui sobre a carta de leitor em sua contemporaneidade e sua relação com os modos de produção e de circulação de comentários online. Para a realização deste trabalho, analisamos a seção “do leitor” da revista *Cult*, publicação mensal ambientada no domínio discursivo do jornalismo cultural, a qual, após um processo de edição de alguns comentários de internautas feitos no

espaço eletrônico, publica esses comentários em sua versão impressa no referido espaço dedicado aos leitores.

Em outras palavras, a carta do leitor da revista *Cult* apresentada no suporte impresso costuma ser, muitas vezes, uma versão do comentário do internauta postado anteriormente no espaço eletrônico disponibilizado por essa revista. O internauta posta um comentário sobre algum conteúdo disponível no site da revista e o editor publica esse comentário, após edição, no espaço dedicado ao leitor na revista impressa. Além de já estar publicado no suporte eletrônico, o texto é publicado também no suporte impresso.

Algumas das perguntas surgiram a partir dessa constatação: em relação à edição e à publicação do comentário no suporte impresso, o que ocorre é uma retextualização<sup>1</sup> ou uma reescrita<sup>2</sup>? A mudança contextual que se dá pela alteração do texto de seu suporte original (online) para o suporte impresso modifica o objetivo, o gênero e o processo de construção do sentido do texto?

Partimos do pressuposto de que esses gêneros de textos surgem com o mesmo fim específico *a priori* de dar voz ao leitor e a partir do mesmo tipo de atividade humana, com a finalidade de compará-los, considerando-se questões sobre o gênero e sobre os modos de circulação desses gêneros, verificando quais as possíveis diferenças de produção de sentido a partir de seus ambientes de circulação, isto é, do suporte textual impresso e do suporte textual eletrônico.

Utilizamos como critérios subjacentes à nossa reflexão elementos de textualização originários de Beaugrande e Dressler (1981), mas desenvolvidos e atualizados por outros autores. Fazem parte desses critérios subjacentes ao trabalho os elementos de intertextualidade, coerência, coesão, intencionalidade, situacionalidade, informatividade e aceitabilidade (KOCH, 2004; COSTA VAL, 1999; ANTUNES, 2010).

## 2. Gêneros textuais e atividades humanas

Num enfoque social dos gêneros, Bazerman (2011) apresenta uma descrição efetiva da relação dos gêneros com as atividades sociais, partindo sempre da interação, do contexto e do aspecto social como formas de fundamentação de sua análise. Para esse autor norte-americano, os textos organizam as ações e criam significações e fatos sociais, sendo que as formas textuais típicas fazem parte da organização das significações e das ações construídas histórica, cultural e interativamente.

O autor chama a atenção para o fato de que os gêneros emergem historicamente e são praticados socialmente, sendo, portanto, uma categoria de reconhecimento social. Não se deve, no entanto, nos termos do autor, ignorar o papel dos indivíduos no uso e na construção

---

<sup>1</sup>Refere-se à refação ou reescrita de um texto, ou seja, é o processo de transformação de uma modalidade textual a outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem (DELL'ISOLA, 2007). Ainda sobre esse conceito, Matencio (2002, p. 3-4) mostra que se trata da "produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação [...]. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade".

<sup>2</sup> D'ANDREA e RIBEIRO (2010) apresentam uma revisão dos conceitos de retextualização e reescrita, das principais definições já publicadas no Brasil, identificando as especificidades de cada um deles, apontando que "as diferenças entre a 'mudança de propósito' da retextualização e a criação de uma 'nova versão do texto' a partir da reescrita parecem reforçar a característica estrutural da primeira atividade, em oposição a um aperfeiçoamento interno do texto (um 'refinamento') visado pela prática de reescrita (D'ANDREA; RIBEIRO, 2010, p. 66).

dos sentidos nem definir os gêneros apenas como um agrupamento de traços textuais, pois isso significaria “ignorar as diferenças de percepção e compreensão, o uso criativo da comunicação para satisfazer novas necessidades percebidas em novas circunstâncias e a mudança no modo de compreender o gênero com o decorrer do tempo” (BAZERMAN, 2011, p. 32). Nesse sentido, o autor completa:

Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como *fenômenos de reconhecimento psicossial* que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre o modo como elas os realizam. (2011, p. 32)

Considerando os interlocutores, considera-se o que é externo à linguagem, mas, ao mesmo tempo, a constitui; isso significa considerar o social, já que não se pode isentar a linguagem nem seu uso de sua condição histórica, social e cultural. Bakhtin (2006, p. 115-116) elucida que “*a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação*” (grifos do autor). O filósofo completa dizendo que a enunciação é configurada pela situação. Disso decorrerá a proposta metodológica baseada na concepção de que “a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta” (BAKHTIN, 2006, p. 126).

Os gêneros estão ligados à significação textual, por isso, o leitor/ouvinte pode prever o sentido de alguma manifestação linguística a partir do reconhecimento do gênero da qual ela faz parte. Nesse processo, os sujeitos participantes do ato de comunicação “pressupõem diferentes diretrizes e objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes” (BAKHTIN, 2011, p. 272) a depender do gênero. As condições e finalidades de cada gênero se refletem no conteúdo temático, no estilo da linguagem e na construção composicional.

Na definição de Marcuschi (2008, p. 155), os gêneros “apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”. A diversidade de forças que atuam sobre os gêneros faz com que eles sejam dinâmicos, devendo ser notados por suas relações

[...] com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional. (MARCUSCHI, 2008, p. 17).

Marcuschi (2010, p. 22) sugere cautela quanto a considerar o predomínio de formas e funções para a determinação e identificação de um gênero, demonstrando que “haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente”. Os gêneros surgem com as necessidades e atividades socioculturais e na relação com as inovações tecnológicas, sendo “maleáveis, dinâmicos e plásticos” (2010, p. 19)

### 3. Suporte e circulação

Os gêneros de textos circulam em domínios discursivos e suportes diversos. Domínio discursivo é conceituado por Marcuschi (2008, p. 155) como uma “esfera da atividade humana”, no sentido Bakhtiniano da expressão. Um domínio pode ser pensado como um campo específico da atividade humana que geralmente dá origem a muitos gêneros próprios de rotinas comunicativas institucionalizadas (MARCUSCHI, 2008).

Já o suporte pode ser visto como o local em que ocorre a manifestação textual, tornando-a acessível. Marcuschi (2008) faz um estudo mais aprofundado sobre o tema, chamando a atenção para a importância de se diferenciar suporte de gênero, mas admitindo que nem sempre é simples fazer essa distinção. O suporte de um gênero é definido como o “locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174). O suporte é essencial para a circulação do gênero, mas a questão que torna essa categoria ainda mais interessante é o fato de ela não parecer neutra em relação ao gênero, tese apresentada pelo autor e compactuada neste trabalho, como desdobraremos a seguir.

Uma das perguntas apresentadas por Marcuschi (2012, p. 8) é a seguinte: “qual a contribuição do suporte para o funcionamento do gênero?”. Ao refletir sobre essa questão, o autor demonstra que a mudança de um suporte para outro pode gerar diferentes formas de recepção e até mesmo influenciar o sentido do texto, mudando principalmente a relação estabelecida entre o texto e o leitor. No mesmo sentido, o historiador Chartier (2002, p. 62) lembra que as formas que permitem a leitura, a audição ou a visão dos textos “participam profundamente da construção de seus significados”. Em outras palavras, a maneira de textualizar pode ser diversa, dependendo do suporte no qual o gênero textual se fixa. No entanto, o autor ressalta que, apesar de a presença dos gêneros não ser “indiferente nos diversos suportes nem imune a eles”, ainda não está de todo claro qual é exatamente essa influência (MARCUSCHI, 2012, p. 34).

#### **4. Produção de sentido do comentário online e da carta impressa**

Para se pensar na influência do suporte no processo de textualização, podemos analisar a relação entre o comentário postado eletronicamente e a carta disponibilizada na revista impressa a partir do critério da intertextualidade, já que a carta impressa é uma versão do comentário on-line. A intertextualidade refere-se à relação entre textos, no sentido de que todo texto contém outros textos prévios. Esse sentido mais geral da intertextualidade se liga à questão da “(inevitável) presença do outro naquilo que dizemos ou escrevemos” (KOCH, 2004, p. 145). Mas há uma intertextualidade explícita quando marcamos no discurso “próprio”, por meio de uma menção à fonte, aquilo que foi dito em outro texto.

Cabe lembrar também que existem formas várias de se marcar e/ou utilizar a palavra do outro no discurso, sendo que cada uma dessas formas pode corresponder a uma estratégia argumentativa em especial. É corrente tratar, quando se fala de intertextualidade, do que Authier-Revuz (1981) chamou de heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. Na primeira, indica-se a presença do outro no discurso do interlocutor, podendo essa presença ser marcada – discurso direto, discurso indireto, glosa, aspas, referências etc. – ou não marcada – discurso indireto livre, alusão, imitação, paráfrase etc. No caso da heterogeneidade constitutiva, o outro não se apresenta na organização linear do discurso. Assim, ela se dá numa espécie de diálogo, no sentido que remete ao dialogismo de Bakhtin, na interação com o discurso do outro, sendo que a língua só se realiza atravessada por discursos outros, pois “nenhuma palavra vem neutra do dicionário” (AUTHIER-REVUZ, 1981, p. 68).

Para além da heterogeneidade constitutiva, é válido lembrar que a produção da carta ou do comentário do leitor tem seu ponto de partida na leitura de um texto prévio. A configuração tanto do gênero carta do leitor quanto do comentário do internauta só se dá porque o leitor que escreve se investe numa prática de leitura de um texto disponibilizado por um veículo e se insere numa prática social, construída historicamente, de agir sobre aquele texto. Essa atuação aciona, necessariamente, vários recursos de ordem intertextual, pois o leitor faz quase sempre referência aos textos, temas, discussões e autores presentes nos textos fonte do veículo em questão.

A compreensão dessas relações de um texto com o outro terá grande relevância na construção da coerência, outro critério textual observado para se pensar nas diferenças e semelhanças entre o comentário postado no site e a carta publicada na revista impressa após sua edição. A coerência diz respeito ao encadeamento de sentido do texto, ligando-se a todos os outros critérios textuais, conforme fundamentação apresentada por Costa Val (2004, p. 116), ao expor que “a construção do sentido depende dos conhecimentos e intenções de quem falou e dos conhecimentos disponíveis e habilidades interpretativas de quem ouviu”.

A coerência se liga, então, aos outros critérios de textualização – intencionalidade, situacionalidade, aceitabilidade, informatividade e coesão – apresentados aqui para se traçar os parâmetros pelos quais pretendemos nos guiar na análise do comentário online e de sua edição e publicação no suporte impresso. A coesão concerne à inter-relação entre os elementos linguísticos do texto (COSTA VAL, 2004). Utilizamos recursos da língua para indicar, sinalizar as relações pretendidas entre os elementos linguísticos. Antunes (2010, p. 35) pontua que a coesão diz respeito aos modos e recursos (gramaticais e lexicais) de ligação “entre os vários segmentos (palavras, orações, períodos, parágrafos, blocos superparagráficos) do texto”.

A intencionalidade refere-se à pretensão do locutor em produzir uma manifestação linguística coesa e coerente com sua intenção comunicativa (KOCH, 2006). Essa intenção pode variar conforme a situacionalidade do evento comunicativo, relacionada pela autora aos fatores que tornam um texto relevante para a situação de comunicação. A relevância de um texto para determinado leitor depende igualmente do grau de novidade, de imprevisibilidade desse mesmo texto para esse mesmo leitor. Esse grau de novidade é tratado como a informatividade, ou seja, como se dá a distribuição da informação no texto (KOCH, 2004; MARCUSCHI, 2008; COSTA VAL, 2004; ANTUNES, 2010). O texto se constrói com a retomada de informações dadas e a introdução de novas informações, sendo o equilíbrio entre o que é dado e o que é novo um dos fatores que torna um texto aceitável ou não para determinado leitor. A aceitabilidade, assim como os outros critérios, refere-se ao texto como um processo de produção e recepção, conectando-se, como bem diz Antunes (2010), ao esforço empreendido para processar os sentidos e as intenções expressas.

Retomando o que foi abordado até aqui, ressaltamos que são de fundamental importância para este trabalho a noção de gênero textual pautada nas relações com os tipos de atividades humanas, a ideia de domínio discursivo como gerador de gêneros diversos, e as relações do suporte textual com a produção de sentido e com os processos de textualização, indicados nos critérios de textualidade mencionados até o momento para se pensar na mudança contextual engendrada pela publicação do comentário online num suporte impresso.

## **5. Análise**

A carta do leitor é um gênero que envolve diferentes processos de produção e interpretação. Em outros termos, pode-se afirmar que, após a leitura de um texto que foi

escrito por outrem, o leitor coloca em funcionamento suas habilidades de textualização para compreender e interpretar o que está escrito. A partir disso, ele decide escrever uma carta à redação da mídia em questão para comentar, perguntar, criticar, sugerir, elogiar, corrigir, esclarecer, agradecer, apoiar, informar, entre outras ações que são permitidas por esse gênero. Se escolhida, essa carta passa por um processo de edição e, então, é publicada na seção da mídia que se apresenta como “espaço do leitor”.

Esse gênero de texto compreende a opinião do leitor de um veículo de comunicação sobre um enunciado matriz. No entanto, assim como o leitor se vale desse espaço para expor sua opinião, podemos dizer também que o veículo de comunicação se vale do espaço do leitor para se manter sempre informado a cerca desse seu leitor e servir-se dele como um meio de legitimar a imagem que intenciona construir de si por meio de seus discursos como veículo de comunicação.

Outra questão relevante sobre esse gênero é que em sua origem a carta de leitor possui uma estrutura básica comum com o gênero maior carta pessoal, a saber: a seção de contato (saudação inicial), o núcleo e a seção de despedida (saudação final), variando em suas formas de realização e em suas intenções.

Observando-se o caso específico do objeto de análise deste trabalho, notamos que a carta do leitor e o comentário do internauta da revista Cult são bons objetos para se pensar nas relações de influência entre contexto linguístico e situacional na configuração do gênero em questão, já que por esse objeto podemos acessar o texto em sua versão original publicado online e sua versão editada publicada num segundo momento na revista impressa.

É fundamental aqui o fato de que o comentário passa por um processo de edição antes de ser disponibilizado no suporte impresso. A observação dessa prática pode nos conduzir a uma análise que possibilite verificar como a edição se relaciona às mudanças contextuais provocadas pela publicação do texto em um outro suporte e como essas mudanças situacionais influenciam o contexto linguístico-textual da carta do leitor. Verificamos, dessa forma, se a alteração do texto de seu suporte original (online) para o suporte impresso modifica o processo de construção de sentidos.

Selecionamos, a título de exemplificação da análise, dois comentários da Cult a fim de ilustrarmos as diferenças entre as condições de produção e de circulação desses textos no suporte eletrônico e no suporte impresso. Dessa maneira, apresentamos a seguir dois comentários com o fim de compará-los com suas versões originais publicadas no site da revista antes de sua edição e publicação na revista impressa.

Os comentários apresentados a seguir se referem a uma matéria publicada em maio de 2012, em que o cantor Ed Mota resenha o novo disco de canções inéditas da cantora Rita Lee.

SEÇÃO DO LEITOR (revista impressa)	COMENTÁRIO ONLINE (site da revista)
<p><b>RITA LEE</b> Gosto muito do trabalho da Rita Lee com Roberto de Carvalho. Mas nada se compara ao som ousado, lisérgico, psicodélico e puramente rock'n'roll dos tempos de Os Mutantes. A parceria com o gênio Arnaldo Baptista acrescentou muito ao seu talento.</p> <p style="text-align: right;"><i>Vinicius Lotterman</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b><u>Vinicius Lottermann</u></b>  </li> <li>16/04/2012</li> <li>Gosto muito do trabalho da Rita Lee com Roberto de Carvalho, tenho LP's e fui a um dos últimos shows dela com a turnê ETC... no ano passado. Mas na minha opinião, nada se compara ao som ousado, lisérgico, psicodélico e puramente rock n' roll dos tempos de Os Mutantes, a parceria com o gênio Arnaldo Baptista acrescentou e muito no talento da Ritinha, além de gostar demais dos seus primeiros trabalhos da carreira solo como “Cilibrinas do Éden” e “Atrás do Porto tem</li> </ul>

<p>Adoro a Rita! E gostei muito do texto [de Ed Motta].</p> <p style="text-align: right;"><i>Kévo Gonçalves</i></p> <p style="text-align: center;">Do leitor. CULT. 168, ano 15, maio 2012</p>	<p>uma Cidade”. Quem não conhece, não sabe o que está perdendo.</p> <hr/> <p style="text-align: right;">Disponível em: &lt;<a href="http://revistacult.uol.com.br/home/2012/04/rita-por-ed/">http://revistacult.uol.com.br/home/2012/04/rita-por-ed/</a>&gt; Acesso em: 01 ago. 2013</p> <p>• <b><u>Kévo Gonçalves</u></b>  </p> <hr/> <p>18/04/2012 Adoro a Rita! E gostei muito do texto! 😊</p> <hr/> <p style="text-align: right;">Disponível em: &lt;<a href="http://revistacult.uol.com.br/home/2012/04/rita-por-ed/">http://revistacult.uol.com.br/home/2012/04/rita-por-ed/</a>&gt; Acesso em: 01 ago. 2013</p>
--	--

A partir das diferentes condições de realização e de publicação desses comentários no site e na revista impressa, realizamos algumas comparações que estão descritas com mais detalhes após o quadro apresentado a seguir, que contém o resumo das observações comparativas.

	<b>Carta impressa</b>	<b>Comentário online</b>
Contexto de produção	Publicação online, edição e publicação impressa.	Produção e publicação imediata
Contexto de interpretação	Revista impressa (mês seguinte à publicação do texto fonte).	Site da revista (após o texto fonte)
Interação	Leitor e revista, leitor e editor, leitor e autor.	Leitor e revista, leitor e editor, leitor e autor, leitor e leitor.
Temporalidade	Produção, edição, publicação.	Publicação imediata.
Temática	Sempre trata do tema abordado no texto fonte.	Pode fugir da temática abordada no texto fonte.
Disposição gráfica	Editada, formatada para caber num espaço específico reservado à seção do leitor.	Comentários expostos um abaixo do outro, sem formatação e sem limitação de espaço.
Fatores de contextualização	Necessário	Desnecessário
Nome da seção	DO LEITOR	COMENTÁRIOS
Atribuição de autoria	Sim, com menor destaque.	Sim, com maior destaque.
Data	Ausente	Presente
Vocativo	Ausente	Presente (em alguns casos)
Saudação	Ausente	Presente (em alguns casos)

## 6. Resultados e Discussão

Sobre os contextos de produção e de interpretação podemos dizer que nos comentários online a produção e publicação são imediatas e ocorrem no site da revista após o texto fonte

enquanto nas cartas impressas há a produção, a publicação online, a edição e somente depois a publicação na revista impressa, modificando-se, assim, o contexto de interpretação que se dá no mês seguinte à publicação do texto fonte na revista impressa.

Algumas especificidades que ocorrem somente na interação online é que, neste ambiente, além das interações entre leitor e revista, leitor e editor, leitor e autor, que já ocorrem na situação comunicativa das cartas de leitores, temos também a interação leitor e leitor, pois os leitores podem publicar comentários sobre os próprios comentários de leitores presentes no site. Em alguns casos, ocorrem debates entre esses leitores, em outros, há fuga do tema abordado no texto fonte, o que não acontece na seção do leitor da revista impressa, em que os comentários são editados antes da publicação.

Sobre a disposição gráfica dos comentários na seção do leitor da revista impressa, pode-se verificar que eles são editados, formatados para caber num espaço específico já que essa seção ocupa apenas uma página da revista. Já os comentários online são expostos um abaixo do outro, sem formatação e sem limitação de espaço, característica comum do ambiente online.

Outras diferenças que podemos ressaltar a partir da comparação desses textos é que a revista necessita de inserir alguns elementos contextualizadores na seção do leitor na revista impressa, como o título ou o assunto do texto fonte, tais como “Rita Lee” e “[de Ed Mota]” como pôde ser visto nos comentários publicados na revista impressa, sendo que no texto original, no espaço online, esses elementos não estavam presentes, já que eram desnecessários devido ao fato de que esses comentários, no espaço online, estavam dispostos logo após o texto fonte, ficando claro para o internauta que eles se referiam ao texto anterior.

Em relação à edição dos comentários para sua publicação no espaço impresso, verifica-se que ocorrem correções ortográficas, substituições de estruturas linguísticas em alguns casos e cortes com maior frequência de digressões, estruturas narrativas e modalizadores, indicando um apagamento do sujeito produtor e conferindo ao comentário um caráter menos pessoal, o que pode servir para aproximar, de certo modo, a voz do leitor à voz do veículo de comunicação.

Apesar de data, vocativo e saudação serem elementos que caracterizavam o gênero carta de leitor em sua origem, eles não estão presentes na seção de cartas da revista Cult assim como também não aparecem em muitos outros veículos impressos de comunicação atualmente, muitas vezes por causa do próprio processo de edição anterior à publicação do texto do leitor. No entanto, esses elementos são retomados e estão presentes nos comentários online. Esse movimento de retomada de elementos do gênero carta demonstra a dinamicidade provocada pela transformação dos gêneros de acordo com as novas necessidades impostas por novas circunstâncias relacionadas às atividades comunicativas.

## **7. Considerações finais**

O modo de circulação do texto, no caso do objeto em análise, pode alterar o objetivo textual, transformar o gênero, mudar a forma composicional, influenciar no modo de organização textual e, portanto, na produção de sentidos dos textos. A mudança contextual gerada pela alteração do texto do suporte online para suporte impresso interfere nas condições e processos de produção, na temporalidade, na temática, na disposição gráfica, nos fatores de contextualização e na interação dos interlocutores.

Os comentários retomam elementos do gênero carta pessoal que foram suprimidos do gênero carta de leitor (data, vocativo, saudação). A retomada desses elementos demonstra a dinamicidade da configuração dos gêneros. O suporte textual constitui, portanto, uma fator



contextualizador essencial para o processo de produção de sentido do gênero de texto, pois transforma a relação estabelecida entre texto e leitor, interferindo na construção de seus significados. Dessa forma, discutimos um pouco sobre como os novos modos de circulação e de produção de textos, além de proporcionar o surgimento de novas atividades e novos gêneros, influenciam também na configuração do velho gênero.

## 8. Referências

ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2010.

AUTHIER-REVUZ, J. (1981-1996) **Entre a transparência e a opacidade** – um estudo enunciativo do sentido. Vários tradutores. Revisão da tradução Leci Barbisan e Valdir Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. DIONISIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.). Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BEAUGRANDE, R. de; DRESSLER, W. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

COSTA VAL, M. G. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J. L. T.; PEREIRA, R. F.; ZANCHETTA Jr., J. **Pedagogia Cidadã: cadernos de formação - Língua Portuguesa**. v. 1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. p. 113-128.

CULT – Revista Brasileira de Cultura, n. 168, maio 2012. São Paulo: Editora Bregantini.

D'ANDREA, C. F. B.; RIBEIRO, A. E. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: Reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. **Veredas online** – atemática. PPG Linguística. Juiz de Fora, 1/2010, p. 64-74. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/08/ARTIGO-5.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2013.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola. 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros Textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010, p. 19-38.

MARCUSCHI, L. A. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. Disponível em: <[http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes\\_portugues/anexos/texto-15.pdf](http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes_portugues/anexos/texto-15.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2012.

MATENCIO, M. L. M. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas : um estudo do resumo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2002.

Sítio eletrônico consultado:

Seção de comentários da CULT – Revista Brasileira de Cultura. São Paulo: Editora Bregantini. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2012/04/rita-por-ed/>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

## ANEXO

### **Rita por Ed Motta**

*O cantor resenha o novo disco de músicas inéditas de Rita Lee, "Reza" (R\$ 26)*

**TAGS:** biscoito fino, disco, Ed Motta, lançamento, música, Reza, Rita Lee

Rita Lee, a pensadora pop, está com um disco novo de músicas inéditas, mais um belo rebento com seu cúmplice Roberto de Carvalho, o compositor do universo pop que conseguiu emplacar muitas vezes nas FMs os temas mais musicalmente complexos dessa linguagem.

Um disco se começa pela capa, ótima, criada pelo Roberto, com fotos tiradas pelos dois. Uns mosaicos, psicodelia pura.

Ninguém grava vocais tão perfeitos por aqui: que cantora, que timbre, que facilidade com as palavras, dicção impecável. Nesse disco, seu canto é supremo, maduro.

A faixa título é um *doo-wop*, idioma que a dupla visitou muitas vezes, com guitarras e timbres sempre cuidadosos do mestre Roberto, que atua como multi-instrumentista, tocando baixo, teclados e guitarras.

“Divagando” é mais uma das milhares de provas de por que considero a fase com Roberto de Carvalho a melhor da Rita Lee. O texto dela não amolece, como cobraria a patrulha infantilóide rock’n’roll, e a voz dela cai como uma luva nos temas pop/jazzy/bossa.

“Vidinha Besta” é um belo tapa nesse “mundo Rivotril” em que vivemos; e eu, que implico com palavrão, adoro com a Rita: ela pode, ganha outra categoria.

“Paradise Brasil” deveria tocar no mundo inteiro, minha favorita do disco, um house-disco com a excelência de aquitetura pop que papai do céu presenteia poucos.

No meio do conformismo da neo-MPB e do amadorismo do mundo indie, que cresce sem editorial darwinista para conter tal praga, essa dupla mostra mais uma vez como se faz música pop com talher de prata, é um bálsamo pr’alma.

Fonte: CULT – Revista Brasileira de Cultura. São Paulo: Editora Bregantini. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2012/04/rita-por-ed/>>. Acesso em: 01 ago. 2013.